

O SOM DA SECA PELAS VEREDAS DO TERRITÓRIO NORDESTINO: UM GRITO DE SÚPLICA

Raimundo Romão Batista

Professor L. Portuguesa EEM Senador Fernandes Távora – Ereré – CE
SEDUC/CE

Aluno do Programa de Pós Graduação em Planejamento e Dinâmica Territoriais no Semiárido-
PLANDITES/UERN

romao87@hotmail.com

GT 05: CULTURA, LINGUAGEM E IDENTIDADES REGIONAIS

Resumo:

O fenômeno da seca tem contribuído para a construção de várias visões sobre a região Nordeste, muitas delas de forma pejorativa. No entanto, precisamos entender que as condições do Nordeste têm sido alteradas nos últimos anos e que muitos elementos de caráter negativo já foram em parte superados. O presente trabalho tem por objetivo analisar a música “Vozes da Seca” de Luiz Gonzaga, que traça um perfil do sertanejo em períodos de grande estiagem. Os trechos foram analisados usando referenciais voltados para a conceituação e fenômenos territoriais e também para o ramo da análise do discurso, que expõe diversas vozes. Notamos na música vozes de súplica em prol da luta pelos problemas gerados pela constante força das secas. Além disso, percebe-se que os discursos são explicitados por vários agentes sociais, entre eles, os sertanejos, que transformam os políticos nos seus maiores representantes, que ganham o status de salvador de mazelas. Ademais, são destacados nas diversas vozes discursivas os problemas nas estruturas sociais, no quais podemos notar a falta de alimentos e infraestruturas para a aquisição de bens hídricos. Evidencia-se também o sentimento de esperança na chuva, que será a grande salvação para o povo, pois pode permitir um nascimento de uma nova vida.

Palavras-chave: Seca; Discurso; Nordeste

01 Introdução

A seca tem se tornado um fenômeno constante, sendo que o território mais afetado é a região Nordeste, mais especificamente, o semiárido. Essa situação tem contribuído para uma infinidade de problemas, que muitas vezes necessita de apoio de entidades governamentais. Todas as formas de discutir a seca no Nordeste acabaram conduzindo para a criação de uma imagem negativa.

A relação do Nordeste com as constantes estiagens contribuíram para a construção de um imaginário, um invenção de um Nordeste pela força das artes, visão essa discutida por Albuquerque Júnior (2011), que também traça um perfil de como vários escritores da literatura regional descrevem um território repleto de desigualdades.

Dentro deste patamar da seca, notamos o quanto a região necessita de políticas públicas que transformem a vida das pessoas. A saída muitas vezes é esperar pela ação de políticos, que são acabam sendo elo entre o povo e os recursos advindos do âmbito governamental.

Mas é importante considerar que a busca por ações diversificadas transformam os políticos em grandes expoentes de poder, que se desloca nas pequenas e grandes estruturas da sociedade. O poder dos discursos é abordado por Foucault (1979), que destaca que os discursos estão presentes nas várias esferas sociais, mas que podem ser aceitos ou não dependendo do lugar de sua enunciação.

Percebe-se que as discussões acerca da seca têm permeado a construção de vários processos discursivos e que estes têm permitido a formação e difusão de formas de poder, no qual os nordestinos se tornam as maiores vítimas. Assim, o objetivo deste artigo é mostrar o poder de várias vozes em relação à incidência do fenômeno da seca na região Nordeste, mostrando como políticos ganham destaque no processo de representação de um povo.

O trabalho está organizado em uma curta metodologia, que contextualiza o corpus de análise, no caso a música “Vozes da Seca” de Luiz Gonzaga. Além disso, temos uma descrição das características do semiárido, uma exposição teórica sobre a força da seca e das manifestações de poder nos discursos e uma análise pautada dos trechos da música em discussão.

02 Materiais e métodos

O presente trabalho tem como corpus uma letra de música, mais precisamente “Vozes da Seca”, uma composição de José Dantas e Luiz Gonzaga, sendo esta gravada por diversos autores posteriormente. O trabalho será norteado pela análise do discurso, no qual analisaremos trechos da canção que praticamente descreve um pouco da situação do povo nordestino, considerando como tema principal, a seca.

Vale destacar que a produção da música ocorreu em pleno governo de Getúlio Vargas, num contexto que país passava por uma terrível seca, considerando como data de destaque o ano de 1953.

03 Marco teórico

3.1 O espaço semiárido e seus nuances representativos

A região em discussão, quando se pensa em seu aspecto territorial, é bastante extensa e compreende um grande número de estados da região Nordeste e também uma pequena parcela do espaço geográfico pertencente ao sudeste. Segundo o INSA (Instituto Nacional do Semiárido), o espaço do semiárido brasileiro estende-se por oito Estados da região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, mais o Norte de Minas Gerais), totalizando uma extensão de 980.133,079 km.

Os dados permitem afirmar que a maior parte do semiárido está localizada no espaço nordestino, principalmente, quando notamos que oito estados são influenciados pelas características inerentes ao espaço que vem sendo fonte de estudo e discussões diversificadas.

Outro fator que influencia os aspectos físicos da região do semiárido é o clima, que durante todo o ano é quente e apresenta uma baixa pluviosidade, além de ser irregular durante a estação chuvosa. Essas situações permitiram que o Estado adotasse algumas alternativas para superar tais dificuldades, por exemplo, a construção de grandes obras através da política de açudagem, viabilizada pelo modelo do Departamento Nacional de Obras Contrás as Secas – DNOCS, e mais recentemente, alternativas de iniciativa popular e comunitária como é o caso Articulação com Semiárido – ASA, através do seu Programa 1 Milhão de Cisterna – P1MC.

O clima tem uma relação muito direta com a vegetação mais predominante que é a Caatinga, que se adaptou as condições climáticas e sobrevive à irregularidade das chuvas. Sendo que na estação não chuvosa, ela muda de coloração, ficando meio branca e quando começa as chuvas parece renascer, dando uma nova visão sobre o lugar.

Além dos aspectos já mencionados, precisa-se discutir a influência do relevo como determinante de algumas situações vivenciadas. A região é marcada pelo predomínio dos planaltos, que acabam influenciando na rota das águas pluviométricas, impedito que as mesmas cheguem a determinadas regiões. Já questão hidrográfica também é muito discutida, mesmo tendo dois grandes rios como o São Francisco

e Paraíba, as pessoas que vivem na região ainda passam por dificuldades. A explicação viável é que o processo de evaporação é maior que as precipitações, dados expostos pelo INSA e Malvezzi (2007).

Assim é o semiárido, rico em uma diversidade de aspectos físicos, mas que conforme algumas análises, necessita de mudanças estruturantes que gerariam empregos, não permitindo que as pessoas se conformem apenas com programas assistenciais como o Bolsa Família, que é um auxílio econômico do governo federal para ajudar as pessoas a viverem em condições menos desfavoráveis economicamente.

3.2 Um olhar literário sobre o poder da seca

A seca sempre foi um problema para a sociedade, uma vez que prejudica o modo de vida ou até mesmo o ceifa. Dentro desse viés, temos a luta constante das pessoas para superar as adversidades geradas por longos momentos de estiagens.

Essa temática tem sido abordada em diversos meios de expressão artística, mas sempre exposta como uma forma de atribuir, em muitos casos, um caráter negativo para o semiárido nordestino. Ao considerarmos a abordagem da seca na literatura, precisamos compreender o enredo de determinadas obras literárias, entre elas: “O Quinze” de Rachel de Queiroz e “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

Na obra “O Quinze”, Rachel de Queiroz expõe por meio do enredo o sofrimento de Chico Bento e sua família causado pela seca. Uma família grande, composta de cinco pessoas, que é obrigada a migrar para a capital Fortaleza em busca de melhores condições para manter a sobrevivência. Eles são obrigados andar em pleno sol escaldante e passar por momentos de fome, em que os alimentos eram compostos apenas por rapadura e farinha.

Vale ressaltar que a viagem foi feita todo a pé, de Quixadá para Fortaleza, em média 166 km, massacrando ainda mais a pobre família que estava quase sem força por falta de alimentos. Além disso, a morte também faz parte da trajetória, tendo o casal perdido um filho por este comer mandioca crua.

Já em “Vidas Secas”, Graciliano Ramos também trabalha a influência da seca na vida dos nordestinos (sertão de Alagoas), destacando a região como um lugar sem suprimentos para as mínimas condições de vida. O enredo mostra a migração de Fabiano e família e dois animais: um papagaio e uma cachorra. O processo migratório vivido por Fabiano e demais membros é repleto de angústia, tendo a fome como intensificador de cada momento de sofrimento. Em determinadas ocasiões, são obrigados

a matar o papagaio de estimação e também matar a cachorra baleia, que já era quase um membro da família. Todos os fatos mencionados no decorrer da obra tem como base o desejo de superação dos períodos sem chuva região semiárida nordestina.

As duas obras pertencem à segunda fase do Modernismo, sendo este um momento literário que valorizou bastante o regionalismo, expondo as mazelas sociais por meio do recurso da denúncia. “O Quinze” valoriza o espaço de Quixadá, já “Vidas Secas”, o sertão de Alagoas, ambas expondo o processo de migração como fuga da seca. Podemos perceber que as duas obras tem uma relação muito próxima, desde estilo literário, espaço como semiárido, famílias grandes e personagens que conseguem encontrar esperança para sobreviver, mesmo que as condições de vida sejam tão adversas.

A partir da compreensão dessas obras literárias temos uma visão sobre como a seca esteve presente na vida dos nordestinos e, como a abordagem por autores renovados da literatura, serviu como um dos recursos para muitas pessoas construírem uma ideia que o Nordeste (considerando somente o semiárido) é pobre e que não apresenta boas oportunidades de crescimento e desenvolvimento para seus habitantes.

Os discursos expostos na literatura, conforme as duas obras acima, dialogam mais uma vez com preceitos de Castro (2010) e Malvezzi (2007), que relatam que os meios artísticos são responsáveis por uma visão do semiárido baseada no imaginário, já que realmente muitas pessoas não conhecem profundamente o lugar, apenas supõe por meio dos pronunciamentos dos grandes artistas. O semiárido nordestino tem melhorado bastante o seu desenvolvimento econômico, conforme Araújo (1997), quebrando os discursos argumentativos em prol do imaginário.

3.3 Os discursos e suas manifestações de poder

A nomenclatura discurso é comumente associada ao falar dos políticos, que seriam responsáveis por discursos com grande poder de persuasão para com seus diversos eleitores. No entanto, o poder dos discursos está além do ramo da política, sendo em diversos momentos, uma força para impor comportamentos na sociedade. A mídia, por exemplo, diariamente, utiliza-se de uma infinidade de discursos para convencer as pessoas a adotarem determinados modos de vida, que nem sempre trazem bem-estar físico e emocional.

Na visão de Foucault (1979), o poder não está nas instituições e também não é cedido por órgãos jurídicos ou políticos, ele é construído pela

constante relação de poder entre as pessoas. Percebemos que Foucault compreende que não existiria poder sem a participação das pessoas, já que elas são responsáveis por toda construção de poder que é emanada na sociedade.

Além disso, precisamos entender que os discursos podem ser aceitos ou não, tudo depende de quem discursa e também do contexto que estamos inseridos. Há discursos, por exemplo, que não ganham credibilidade, principalmente quando vem de uma pessoa que sofre de problemas psicológicos, no caso a loucura. Por outro, se as palavras enunciadas partirem de cientistas, logo tem uma verdade aceita em virtude do enunciador, um discurso que se torna verdade, conforme Foucault (1996).

Dessa forma, em meio às várias discussões, é evidente que os discursos são formas de representação de poder, em especial, quando é um recurso usado por pessoas de certo prestígio no meio social. Isso demonstra que em qualquer lugar temos uma forma de poder agindo, pois temos relações entre pessoas, estas são condutores e construtoras de relações de poder.

04 Resultados da pesquisa

Analisaremos a partir deste momento a canção “Vozes da Seca” interpretada pelo saudoso Luiz Gonzaga, sendo expostos pequenos trechos.

A seca se constitui como um fenômeno natural que preocupa bastante o ser humano, uma vez que pode representar o fim de vidas. Nesse contexto, muitas vozes aparecem para discutir o problema, muitas vezes com o intuito de conseguir benefícios próprios em detrimento do bem-estar do povo nordestino.

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulistas nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão.

No primeiro trecho da canção, a voz do enunciador se refere a um doutor, termo escrito com uma linguagem informal, mas que

apresenta um sentido completo dentro dos processos comunicativos. Nesse discurso, um possível morador do sertão nordestino agradece o auxílio recebido dado por um político, tratado respeitosamente de “douto”, deixando claro que a ajuda veio da região Sul do país. Dentro do perfil econômico e social, segundo Araújo (1997), uma das regiões que recebeu muitos investimentos em detrimento das outras, por exemplo, o Nordeste e o Norte.

No entanto, o sertanejo descreve que o povo do lugar não pode ficar apenas recebendo determinados auxílios, pois pode ser visto apenas como mais uma esmola, que pode gerar o sentimento de vergonha ou até mesmo viciar o povo a não lutar para vencer suas dificuldades. Se mantivermos tal comportamento, iremos conviver constantemente com a imagem de uma região repleta de discursos negativos, conforme os posicionamentos de Castro (2010), que afirma a construção de um Nordeste dentro do viés da seca baseado apenas no imaginário, naquilo que está além da realidade.

A construção discursiva acima evidencia a força de poder representada pelos políticos, que são elos para trazer certos auxílios para a população da região Nordeste. Nessas condições, o povo fica sujeito ao controle dos políticos, que detém mais condições econômicas e usa um discurso que os apresente ideologicamente enquanto um sujeito detentor de certo poder (PÊCHEUX, 1997).

Em outro trecho, o discurso é voltado novamente para o sentimento de súplica.

É por isso que pidimo proteção a vosmicê

Home pur nós escuído para as rédias do pudê

Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê

Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê.

A atividade discursiva é apresentada com sons idênticos no final de cada frase, expressando assim, o desejo de expor uma realidade que merece ecoar por todos os cantos. Na primeira linha, temos uma súplica pelo caráter protecionista, mas sendo o homem que ganha um valor de representação de poder. Notamos que muitas vezes o termo proteção se relaciona ao ramo religioso, mas nesse caso nenhuma divindade é invocada, toda a responsabilidade é atribuída à força do homem, principalmente por meio

de suas ações no âmbito social.

Já a segunda linha, notamos que a música demonstra que os sertanejos atribuem aos políticos o poder de representação, que em diversos momentos vai além do voto. O político se torna uma grande autoridade e digno de muito respeito. Porém, em diversas ocasiões usa de tal prestígio para controlar a vida de seus eleitores. Realmente o homem nordestino fez uma determinada escolha, mas a representação nem sempre é baseado no desejo do povo. As rotas podem ser alteradas.

O discurso ainda expõe a amplitude de territórios que estão sofrendo o flagelo da seca, territórios estes que segundo Ratzel apud Campos (2014), dentro do conceito de determinismo geográfico, pode determinar um pouco a identidade das pessoas que nele habita. Uma das consequências iminentes da seca é falta de alimentos para a população, ocasionada pelos problemas nas plantações e queda da produção de bens alimentícios, fazendo com que as pessoas busquem outras formas de superar as adversidades oriundas de momentos de estiagens.

Esse discurso acerca da força da fome é discutido por Castro (1980), na qual o autor defende que a possível solução para a seca não é a distribuição de alimentos, como muitas pessoas constroem no imaginário, mas sim desenvolver formas de amenizar as disparidades na distribuição de riquezas, fato este que enriquece ainda mais uma pequena parcela da população brasileira. Em outro momento, as palavras são voltadas pela busca por trabalho.

Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage

Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage

As discussões nessa parte requerem que os políticos incentivem o desenvolvimento de políticas públicas para que as pessoas possam melhorar suas vidas a partir da força de trabalho. Temos como evidência um desejo pela implantação de grandes obras, por exemplo, a construção de barragens nos rios. É um discurso que preza simplesmente pelo imediatismo, a produção de grandes obras, sem considerar os impactos ambientais que podem ser gerados. Essas ações dialogam diretamente com as propostas vinculadas ao DNOCs (Departamento Nacional de Obras conta as Secas), que foi criado com o intuito de proporcionar ao povo

nordestino, um apoio por meio da construção de grandes obras, no caso barragens e açudes.

Outro elemento marcante no discurso é o questionamento em relação ao preço dos alimentos, no qual sabemos que em épocas que a produção dos mesmos entra em declínio, tem-se um verdadeiro processo inflacionário. Assim, mais uma vez a súplica é voltada para a estabilização os preços dos produtos alimentícios ou a baixa dos mesmos, para que assim, as pessoas tenham condição de comprá-los. Mas em nenhum momento esquecem a importância dos açudes, conseqüentemente pensando no gado ou outras atividades que dependem do estoque de recursos hídricos.

No entanto, um discurso nesse patamar contribui ainda mais para a geração da dependência das pessoas em relação à ideologia pregada pelos políticos. A delegação de um poder ainda maior. Além disso, a construção das grandes obras nem sempre beneficiam os mais necessitados, pelo contrário, vira uma forma de controle do povo, já que as diversas obras são construídas em propriedades privadas. Isso é a força das oligarquias locais, que se apoderam das máquinas do estado para aumentar ainda mais seus poderes, conforme Malvezzi (2007) e Oliveira (1987).

Posteriormente, vemos as formas de gratidão oferecidas pelo sertanejo em troca do apoio.

Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!

Mais uma vez notamos a força atribuída aos políticos como possíveis salvadores do povo, mas deve se comportar como alguém que traz meios de sobrevivência para a população através do trabalho. Os recursos dados facilmente são vistos como uma esmola e que deve ser abolido, imposto pelo o uso do verbo “livrar”. Nesse contexto, percebemos que as pessoas demonstram um sentimento de pagar determinadas dívidas em troca de trabalho. Mas que dívida? Na verdade sabemos que os políticos devem prestar assistência ao povo sem esperar benefícios em troca, mas isso não é o que realmente ocorre. Nos processos eleitorais, os políticos usam a assistência prestada como uma maneira de conseguir votos. Têm-se, assim,

as várias formas de poder em vigência, nas pequenas e grandes estruturas (FOUCAULT, 1979).

Ademais, o enunciador relata que as ações políticas podem ser uma forma de salvação para o povo sertanejo. Deixa claro também que a chegada da chuva será uma forma de riqueza para a nação, beneficiando todos aqueles que estão convivendo com as estiagens. O discurso permite notar o quanto a chuva é representativa para o sertão, sendo construído pelo viés da riqueza, um verdadeiro ouro para o povo.

No final da música ecoa o sentimento de esperança de um povo que não deixa de acreditar na força do outro.

Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distinto mercê tem nas vossa mãos.

A solução para os problemas gerados pela seca são postos de ideário do possível, o chão do território mudará sua estrutura. Podemos imaginar um lugar molhado e repleto de plantações, que seria uma grande alegria para os sertanejos. Novamente o político é evocado, sendo o construtor de um destino promissor. As pessoas estão atribuindo além de poder, a confiança e força para a resolução das mazelas que a seca traz.

Assim, através da música acima, podemos notar que o homem nordestino vivencia muitos obstáculos, sendo a seca um deles. Nessa configuração, o território se transforma em flagelo de dores, o que faz ecoar vozes em busca de uma solução. No entanto, os salvadores do território são constituídos de políticos, que passam a ter mais poder de controle sobre o povo. Os discursos de súplica se configuram em escadas para a construção de um poder representativo do setor político, é povo atribuindo mais poder quem já tem e deveria auxiliar os necessitados sem nenhum desejo obscuro, no caso um desejo pelo voto futuramente.

05 Considerações finais

O presente trabalho mostrou como diversas vozes são ecoadas em momentos de seca, que se torna um obstáculo para o crescimento do povo. Temos na apresentação dos políticos uma força de superação e ao mesmo tempo, é evidente

uma atribuição de poder ainda maior, em virtudes dos momentos de angústia. As súplicas são constantes em todos os trechos analisados, o que conduz a um receio do aumento de mais problemas para os nordestinos.

Notamos a procura por grandes obras que possam beneficiar o povo, mas que podem ser vítimas do controle dos poderosos, que usam dos poderes atribuídos para desviar os recursos públicos para a ala privada, tornando-se, assim, os maiores beneficiários dos auxílios do governo.

Além disso, percebe-se o quanto as pessoas podem construir um perfil de esperança a partir dos seus representantes políticos, que passam a ser responsáveis pela ocorrência de um destino de glória e livre de mazelas. São as várias formas de poder agindo conjuntamente, principalmente quando existe alguma relação de dependência entre as pessoas.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Dossiê Nordeste I –Herança de diferenciação e futuro de fragmentação**. In: SciELO -Estudos Avançados,São Paulo,v. 11,n. 29,abril/ 1997. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141997000100002&lng=en&nrm=isso

CAMPOS, R, R de. **Visão de Vidal de La Blache a respeito de Friedrich Ratzel**. Scielo, 2014. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v26n3/0103-1570-sn-26-3-0419.pdf>>. Acessado em: 23. ago. 2017.

CASTRO, I. E. de. **Natureza, imaginário e a reinvenção do nordeste**. Disponível em:<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapblacion/08.pdf>>. Acessado em: 05. mar. 2016.

CASTRO, J. de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro : Antares, 1980.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GONZAGA, L. **Vozes da Seca**. Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/luiz->

gonzaga/asa-branca.html >. Acessado em : 12. nov. 2017.

INSA – **Instituto Nacional do Semiárido**. Disponível em: <<http://www.insa.org.br>>. Acesso em: 05. mar. 2017.

MALVEZZI, R. **Semiárido**: uma visão holística. Brasília: Confea, 2007.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia Para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1997.

QUEIROZ, R. de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, G. **Vidas secas**. 48. ed. São Paulo: Record, 1982